

## TOTALIDADE E MUDANÇAS CÍCLICAS NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

Márcio Rogério SILVEIRA\*

**Resumo:** As maiores evoluções, tanto nas condições de vida da população quanto no pensamento geográfico, ocorreram nos momentos de crise da sociedade. Desde sua origem a geografia apresenta um caráter totalizador, contido nos estudos gregos da antiguidade clássica e no aprimoramento dos estudos europeus do século XIX. Contudo, a segunda metade do século XX é marco de fragmentações. As categorias marxistas se aliaram à geografia, trazendo de volta a principal contribuição dos clássicos, ou seja, a visão de totalidade e interdisciplinaridade. Para isso, devemos buscar princípios fundamentais, como as categorias de formação sócio-espacial (Milton Santos), de combinações (André Cholley), de geo-sistema (Sotchava), de múltiplas determinações (Karl Marx), entre outras.

**Palavras-Chave:** Totalidade, Formação Sócio-Espacial, Combinações, Geografia, Fragmentações.

**Resumen:** Las mayores evoluciones tanto en condiciones de vida de la población como en el pensamiento geográfico tuvieron lugar en los momentos de crisis de la sociedad. Desde sus orígenes la Geografía presentó un carácter totalizador, presente en los estudios griegos de la antigüedad clásica y en el perfeccionamiento de los estudios europeos del siglo XIX. No obstante, la segunda mitad del siglo XX constituyó un marco de fragmentaciones. Las categorías marxistas se aliaron a la geografía, retomando la principal contribución de los clásicos, es decir, la visión de totalidad e interdisciplinaridad. Para esto, debemos buscar principios fundamentales, como las categorías de formación socio-espacial (Milton Santos), de combinaciones (André Cholley), de geo-sistema (Sotchava), de múltiples determinaciones (Karl Marx), entre otras.

**Palabras llave:** Totalidad; Formación Socio-Espacial; Combinaciones; Geografía; Fragmentaciones

*(...) o geógrafo é o único sábio que simultaneamente se obriga a conhecer a distribuição dos fenômenos superficiais, físicos, biológicos ou econômicos, a desfiar as causas dessa distribuição ligando-a as leis gerais e a procurar os efeitos. É assim levado a enfrentar combinações locais de influências, cuja complexidade ultrapassa tudo aquilo que os físicos, os botânicos ou os estatísticos imaginam. A superfície da Terra é o seu laboratório, maravilhoso campo de experiências, onde se acha realizada uma espantosa variedade de tipos regionais, cuja originalidade ele tem de reconhecer e explicar.*

Emmanuel de Martonne

\* Graduado na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC/FAED e mestrando na Universidade Estadual Paulista – UNESP/FCT, Campus de Presidente Prudente.

A geografia só pode ser considerada uma ciência nova se levarmos em conta o caráter científico e acadêmico que ela assumiu no século XIX. No que concerne às raízes da geografia, elas aparecem desde a Antiguidade, quando os homens se libertaram da vida sedentária migrando, mas ao mesmo tempo se sedentarizando, tentando superar os fenômenos naturais desbravando partes da Terra. Mas, para isso, foi necessário intensificar as observações e os meios de orientação no espaço, através da construção de cartogramas rudimentares (como as tábuas de navegação (polinésios) etc.

No entanto, são os gregos que assumem o caráter interpretativo, estudando os fenômenos naturais colhidos pelos povos da Antiguidade. A Grécia torna-se o berço da geografia ocidental, com várias correntes interpretativas, como a geografia matemática (esfericidade da Terra, coordenadas geográficas etc), a geografia física (marés, vulcões, fenômenos meteorológicos, processos erosivos) e a história dos vegetais (estudada por Teófrates - 270 a.C. - discípulo de Aristóteles).

Na geografia grega os aspectos humanos também foram contemplados, como a classificação das tribos da Etiópia feita por Agartácides (170-100 a.C.) e uma descrição dos povos montanhosos da Galícia e das Astúrias, realizadas por Posidônio. Mas foi nos escritos de Heródoto<sup>1</sup> que prevaleceu uma "matéria valiosa de natureza geográfica em sua História" (Tatham, 1960, p. 551). Já Políbio tratou de maneira mais científica os aspectos geográficos na sua História, sendo considerado, juntamente com Heródoto, os pais da historiografia e também da geografia (Pereira, 1999).

Portanto, a geografia da antiguidade Grega, como também o conhecimento geográfico que a partir de então, evoluiu no momento em que há necessidade de mudanças na sociedade (econômicas, sociais, políticas, culturais etc.). Essas mudanças geralmente acontecem durante períodos de crise do modo de produção vigente, como na Grécia nos séculos V e VI a.C. com a "passagem conflituosa do igualitarismo ligado à comunidade primitiva e posteriormente à pequena produção mercantil, base material da democracia grega a um sistema crescente de escravidão e desigual está na raiz da mudança da sociedade grega" (Mamigonian, 1999, p. 140). Assim, é principalmente nos momentos de depressão econômica e de mudanças no modo de produção que a busca pelo entendimento destas transformações intensifica o pensamento geográfico.

A geografia não foi só difundida pelos gregos,<sup>2</sup> ela também foi estudada, num caráter menos profundo, pelos romanos (Estrabão e Ptolomeu) e pelos muçulmanos (Idrisi e outros). Embora muitos povos não expressassem seus conhecimentos através da escrita, os mais antigos podiam fazê-lo através de aeroclifos e oralmente.<sup>3</sup>

Na Idade Média, com a queda de Roma no Ocidente e o aumento do desenvolvimento científico vinculado aos dogmas religiosos, o conhecimento da geografia foi limitado e viveu-se um período de escuridão quase que profundo, com poucas exceções, como a obra de Varenius (Geographia Generalis), a obra geográfica mais importante anteriormente aos escritos de Karl Ritter (Tatham, 1960). Mas foi principalmente pelos árabes que as atividades geográficas

<sup>1</sup> "O primeiro geógrafo verdadeiramente consciente é Heródoto, isto é, o primeiro historiador que alarga o campo das crônicas locais e que o estudo duma grande guerra põe em presença de países tão longínquos como diferentes. Conhecem-se as suas viagens ao Egito, à Trácia e até ao Helesponto, Fenícia e até a Babilônia. Ele representa a tendência descritiva da geografia, aquilo que chamamos de geografia regional" (De Martonne, 1953, p. 02).

<sup>2</sup> Segundo Pereira (1999), a primeira obra intitulada Geografia, foi de autoria de Eratóstenes (275-195 a.C.), mas foi Estrabão, posteriormente (200 anos mais tarde) quem realizou uma obra geográfica mais consistente.

<sup>3</sup> O conhecimento geográfico entre muitos povos era expresso através do conhecimento adquirido e repassado oralmente. Um exemplo clássico, do início do século XX, ocorreu antes da Primeira Guerra Mundial, quando os cartógrafos ingleses e alemães percorreram, pelos ares, a África Branca procurando melhores rotas para a locomoção de suas tropas. Quando os cartógrafos não conseguiam ultrapassar alguns obstáculos geográficos, construam as cartas topográficas, através de entrevistas com os povos nômades, que conheciam todos os obstáculos naturais daquela grande região. Muitos desses conhecimentos geográficos foram transmitidos a outras gerações e, combinados com experiências próprias, se acumularam, tornando precisas as informações.



permaneceram ativas. Eles, no entanto, praticavam uma geografia descritiva (como Massudi de Bagdá, Mohammed el Edrici, Ibn Batuta etc).

O Renascimento trouxe para o conhecimento humano uma época de renovações e de grandes descobertas científicas. "É um período de crise, do qual a geografia poderia ter saído constituída. Na realidade, três fatos muito importantes caracterizam esse momento único: primeiro, um prodigioso alargamento do horizonte geográfico; segundo, o grande desenvolvimento da cartografia; terceiro, os progressos das ciências físicas auxiliares da geografia" (De Martonne, 1953, p. 05).

Os séculos XV e XVI foram marcados por consecutivas tentativas de expansões comerciais,<sup>4</sup> essenciais para o desenvolvimento cartográfico, já que a busca de novas rotas se fez refletir em descobertas que, por conseguinte, deram início à revelação efetiva dos aspectos físicos do planeta, a acumulação de informações sobre as diferentes regiões, a colonização e a "mundialização comercial".<sup>5</sup> Esses elementos propiciaram condições materiais importantes para o futuro da ciência geográfica. As novas necessidades levaram a sociedade a superar as técnicas passadas, implantando técnicas inovadoras, mais eficazes, como meios para se elaborar a teoria de esfericidade da terra (Galileu), a construção de embarcações maiores e mais ágeis, a utilização da pólvora, a adaptação da bússola, o surgimento do livro etc. O aperfeiçoamento técnico e o desenvolvimento do conhecimento geográfico contribuíram, então, para o melhor entendimento das transformações porque passa a sociedade, sendo o contrário também verdadeiro.

A profunda retomada dos estudos geográficos e científicos começa a ser gestada no século XVIII, ocasionando o que para Mamigonian (1999) é a segunda gênese da geografia. Em pleno século XIX, ela ocorre na Alemanha e é liderada por Karl Ritter e Alexander von Humboldt.

No final do século XVIII, Emmanuel Kant contribuiu para a difusão de cursos universitários de geografia. Além de lecionar filosofia pura durante trinta anos na universidade de Königsberg, lecionava cursos a respeito do conhecimento do mundo, através das disciplinas de antropologia, no semestre de inverno, e geografia física, no semestre de verão (Quaini, 1979). Esses cursos foram ministrados de 1756 a 1796, período o qual Kant o ofereceu quarenta e oito vezes. Também empenhou-se em

*"definir a natureza da geografia e a relação desta com as ciências naturais. Essa definição, constante da introdução a suas conferências didáticas, descreveu o escopo da geografia de modo tão completo, que afetou, direta ou indiretamente, todas as discussões metodológicas posteriores. Pode-se ir mais longe e afirmar que a confusão acerca do objeto e conteúdo da geografia quase sempre surge apenas quando não se leva em conta a análise de Kant" (Thatam, 1960 p. 557-558).*<sup>6</sup>

Outro personagem importante do período de amadurecimento da geografia foi Hegel<sup>7</sup> que, em sua filosofia, destaca que a geografia ultrapassa o caráter naturalista e se insere como

<sup>4</sup> De Martonne (1953, p. 05) nos lembra que já no século XIII "o veneziano Marco Pólo percorreu quase toda a Ásia, permanecerá dez anos na corte do Kan dos Mongóis e visitara a Indochina, a Índia e as ilhas das Especiarias. Mas, completamente alheio aos métodos astronômicos, não fizera nenhuma determinação, sequer aproximada, que pudesse servir para traçar o mapa desses longínquos países".

<sup>5</sup> Período em que o mercantilismo passa por uma crise, fruto da interrupção das rotas comerciais terrestres para o oriente. Todavia, os europeus, concentrados nas grandes cidades comerciais, voltam-se para as rotas marítimas. O crescimento da economia européia, em decorrência das descobertas, vai ser tão importante para a superação da crise (acumulação primitiva do capital), quanto contribuirá para o financiamento da Revolução Industrial.

<sup>6</sup> Para Kant, deve haver uma razão mútua entre o homem e o meio. Mesmo não se estendendo muito a esse respeito, ele pode ser considerado grande influenciador da geografia moderna, levado a cabo por Humboldt e Ritter.

<sup>7</sup> Hegel e Kant são os precursores da fenomenologia existencial, portanto, da abordagem humanística, que se contrapõe as observações empíricas.

uma disciplina histórica, como estudo das possibilidades de vida oferecidas pelo mundo aos povos localizados nas diversas regiões da terra, e que este estudo é uma das condições necessárias e responsáveis para se compreender a história do mundo (Quaini, 1979). Com a influência de Ritter, Hegel lança a base geográfica da história do mundo. Na afirmação de Marx, Hegel vê a essência do trabalho enquanto mediação do homem com a natureza, como trabalho concreto e abstrato, isto é como atividade do espírito, de autoconsciência (Quaini, 1979).

Como apontado, Kant foi o primeiro a ensinar a disciplina de geografia em uma universidade.<sup>8</sup> Mas é com Alexander Von Humboldt e Karl Ritter, na Alemanha do século XIX, que surge a geografia científica e institucionalizada nas universidades. Ritter é o primeiro a trabalhar com essa disciplina, enquanto curso regular universitário, em Berlim. O primeiro curso universitário de Berlim, em 1809 foi Wilhelm von Humboldt, irmão de Alexander.

*"Por mais amadurecida que a ciência geográfica estivesse, começou a dar frutos no momento em que lançou raízes na universidade, em íntimo contato com aquelas ciências a cujo desenvolvimento deve andar associada. E tal é demonstrado pelo avanço considerável da Alemanha, onde o ensino geográfico universitário foi organizado mais cedo do que em qualquer outro país" (Martonne, 1953, p. 17).*

A geografia que anteriormente tinha um caráter geopolítico, destinada a questões territoriais e financeiras, passa a ter caráter acentuadamente ideológico, na tentativa de unificação do Estado alemão. Surge nos bancos universitários e escolares, agora não mais com missão exclusivamente estratégica-militar, mas ideológica, a serviço da burguesia dominante. Assim, percebemos que há dois tipos de geografia.

*"O primeiro - chamado por Lacoste de 'fundamental' - praticado nos estados maiores, pelas grandes empresas capitalistas e pelos aparelhos do Estado. O segundo - mais recente - é praticado tanto por pesquisadores universitários como por professores. (...) a geografia fundamental está ligada aos conhecimentos políticos e militares (de reis, príncipes, diplomatas, chefes militares), enquanto a geografia dos professores produz e reproduz um saber aparentemente sem utilidade, mas que na verdade combina-se com motivações políticas muito evidentes" (Pereira, 1999, p. 40-41).<sup>9</sup>*

Para Ritter a descrição feita pelos "naturalistas" devia ser superada por uma visão científica e totalizadora, ou seja, "procurar abranger a visão mais completa e mais universal da terra, reunir e organizar em maravilhosa unidade tudo quanto conhecemos do globo e apresentar a conexão desse todo unificado com o homem e o seu criador"<sup>10</sup> (Thatam, 1960, p. 561). O estudo geográfico de Ritter, mesmo sendo antropocêntrico, leva em consideração o relacionamento do homem com a natureza, procurando observar o contacto destes ao longo da história. A superfície da Terra como causa fundamental dos acontecimentos.

<sup>8</sup> O século XVIII é marcado pela origem de disciplinas específicas, pois até este momento vigorava uma concepção mais integrada dos problemas sociais. "A divisão do trabalho científico na sociedade ocidental acompanha a divisão do trabalho social, pois o processo de desenvolvimento da sociedade acarreta a divisão extrema do trabalho e esta fragmentação exige ao mesmo tempo uma divisão no plano teórico" (Pereira, 1999, p. 39).

<sup>9</sup> Quando a Alemanha derrota a França, em 1870, a vitória é atribuída ao ensino escolar, pois fomentou a superioridade científica e técnica da Alemanha. Na França a derrota provoca o fim do Segundo Império (1852-1870) e desperta a necessidade de reformas no ensino francês. As mudanças, portanto, vão desembocar num reordenamento da escola francesa de geografia, com Paul Vidal de la Blache assumindo a dianteira (Pereira, 1999).

<sup>10</sup> Dickinson e Howarth, citando Ritter.



Humboldt, diferentemente de Ritter, foi um grande viajante. Em seus estudos percebeu a necessidade de conhecimentos mais totalizadores, para alcançar resultados mais precisos e conectados. Assim, especializou-se em vários ramos da ciência, como geologia, física, química, história, fisiologia e múltiplos aspectos da geografia.

A visão de totalidade<sup>11</sup> aparece na obra *Cosmos* (v. 1, p. 42-43) de Humboldt, como ele mesmo escreve: "*A expressão pouco comum, porém definida, de Ciência do cosmos lembra ao viajante da terra que estamos tratando de um horizonte mais amplo; de reunião de todas as coisas que enchem o espaço, desde a mais remota nebulosa até a distribuição climática desses elementos tecidos de matéria vegetal que estendem uma cobertura variada sobre a superfície de montanhas e rochedos*"<sup>12</sup> (Thatam, 1960, p. 567).

Humboldt lembra-nos, também, que a geografia dos seres orgânicos deve combinar-se com os fenômenos inorgânicos, ampliando o campo de estudo geográfico. Esse aspecto vai ser desenvolvido por André Cholley (1964), que afirma que o verdadeiro objeto da geografia é a combinação entre uma série de determinações físicas (inorgânicos), biológicas (orgânicos) e humanas (relações sociais), sendo as humanas as mais importantes e as mais complexas de todas as determinações. Humboldt também fala da influência que a natureza exerce sobre os homens, e estes, para ele, retribuem de maneira menos intensa (claro que em sua época a natureza era o fator mais determinante do que no período vivenciado por Cholley e do que hoje).

A segunda gênese da geografia foi iniciada por Humboldt e Ritter, que expressaram o desenvolvimento da geografia sistemática (teórica) e da geografia regional (empírica). Muitos desses conhecimentos contribuíram para a unificação alemã (1862-1871), intensificada com a declaração de Bismark, impulsionando a guerra contra a Áustria e a guerra franco-prussiana de 1870. Após a derrota da França na guerra franco-prussiana (1871), concretizou-se a unificação alemã e é proclamado o Império Alemão, tornando a Alemanha a primeira potência industrial da Europa, em 1890.

A conjuntura política que vivia a Europa e a necessidade da Alemanha em expandir o número de colônias (matéria prima e mercado consumidor), levou Frederick Ratzel (influenciado pela teoria de Darwin – seleção natural e dos darwinistas sociais) a dedicar-se à geografia política (*Politische Geographie* – 1897), ou seja, acabou demonstrando a necessidade de expansão do Estado e sua relação com o solo (espaço, recursos etc), culminando nas idéias sobre o "espaço vital" e o "determinismo geográfico". A pretensão expansionista alemã e as diferenças com a França aumentaram as tensões entre os dois países, por interesses no Marrocos. A formação, em 1907, da Triplíce Aliança (França, Rússia e Inglaterra) e o assassinato de J. Jaurés (1914) são elementos propulsores da Primeira Guerra mundial. Para Mamigonian (2000), Ratzel desviou-se da tradição aberta por Kant e adotada por Ritter e, mais tarde, no início do século XX, por A. Hettner. Enquanto Ritter percebeu as relações recíprocas entre o homem e a natureza, Ratzel via o homem como resultado do meio, modificado pela força da natureza.

A geografia francesa, em enfrentamento com a alemã, liderou movimentos em favor da expansão colonial francesa (África e Sudeste Asiático), em compensação às perdas do Estado francês para o alemão, ocorridas anteriormente (guerra franco prussiana).

Paul Vidal de la Blache, um dos mais importantes geógrafos franceses, estudou as regiões e as áreas atribuindo um importante avanço no estudo desses conceitos. Mesmo os contínuos conflitos entre Alemanha e França não impediram La Blache de dirigir-se à Alemanha e entrar em contato com Peschel, Richthofen, como também seus orientandos, a exemplo de Max

<sup>11</sup> Humboldt partilhava com Ritter o conceito de unidade da natureza e concordava em que a tarefa da geografia física era demonstrar essa unidade. Neste ponto estavam ambos refletindo a mentalidade filosófica de sua época. A idéia da unidade viva da natureza, tal como proposta por Spinoza, fora retomada pelos idealistas. Foi esta uma parte essencial do pensamento de Fichte, Schelling, Hegel, que, aliás, encontrou magnífica expressão na poesia de Goethe e Schiller" (Thatam, 1960, p. 567).

<sup>12</sup> Humboldt "quando fixa sua atenção num problema geológico, biológico ou humano, esse grande espírito não se absorve na contemplação do fato local; volta o seu olhar para as outras regiões onde se absorvam fatos análogos (...). Nenhum ponto lhe parece independente do conhecimento do conjunto do globo" (De Martonne, 1953, p. 13).



Sorre, que assistiu aulas com Ratzel e H. Baulig e outros em diferentes países. Assim, segundo Mamigonian (2000), La Blache teve que abrir várias frentes de batalha para dinamizar a geografia universitária francesa. Para isso houve a necessidade de diversos contatos com geógrafos e outros cientistas de diferentes nações. No geral, La Blache é o grande representante da geografia francesa e a mais importante de suas idéias foi a de “possibilismo” (não exclusividade de necessidades, mas sim possibilidades), que fez frente, principalmente, ao “determinismo” (caráter determinante da natureza sobre a sociedade) de Ratzel (Mamigonian, 2000).<sup>13</sup>

*“(…) tanto o possibilismo lablachiano quanto o determinismo ratzeliano foram visões empobrecedoras, na ênfase maior ou menor nas determinações naturais em detrimento das múltiplas determinações. Na verdade, não se tratava da relação homem-natureza, mas de sociedade-natureza, pois desde a introdução à crítica da economia política (1857), Marx já havia observado que em todas as formas de sociedade há uma produção determinada que é superior a todas as outras e em todas as formas em que predomina a propriedade da terra, a relação com a natureza é predominante; naquelas formas em que reina o capital, é o elemento produzido historicamente que prevalece” (Mamigonian, 2000, p. 21).*

É a partir de La Blache e seus seguidores que a escola francesa de geografia assume um caráter representativo dentro da geografia mundial (principalmente a partir do início do século XX). Outros grandes geógrafos também contribuíram para o desenvolvimento da geografia francesa, como Gallois (geografia política), Demangeon (geografia econômica), De Martonne (geografia física e humana), Bernard (geografia humana), Gentil (geomorfologia), Blanchard (geografia física e humana), Baulig, Cholley, Max Sorre (geografia colonial) entre tantos outros.

A geografia moderna, segundo Pereira (1999), é moldada à imagem e semelhança do século XIX, período no qual se estabeleceu um movimento global de fragmentação do conhecimento, dando, portanto, origem a uma série de ciências específicas (geografia, sociologia, psicologia etc.) e a distinção entre ciências naturais e humanas.<sup>14</sup> A fragmentação do conhecimento envolve os diversos campos do conhecimento é específico de um período no qual “a divisão intelectual do trabalho científico tem sua origem no processo de divisão do trabalho em geral, fenômeno típico da sociedade capitalista, já que esta ao dividir o trabalho, parcelou-o de uma forma que tornou necessária, ao mesmo tempo, a divisão também no plano teórico” (Pereira, 1999, p. 57).

A geografia francesa, então, acentua esse processo de especialização, principalmente a partir de 1950, que é difundindo por todo o mundo. Assim, as especializações abarcaram a geografia regional (La Blache, Gallois, De Martonne etc.), a geografia humana (Jean Brunhes, Demangeon, Blanchard etc.), a geografia política (Siegfried, J. Ancel etc.), a geografia física (De Martonne, Cholley, Baulig, Lucien Febvre etc.). No entanto, observa-se que mesmo nos estudos mais específicos, a maioria destes geógrafos possuía uma visão do todo, como De Martonne, ge-

<sup>13</sup> Os termos possibilismo e determinismo não foram criados por La Blache e Ratzel, respectivamente. Ambos os termos foram citados pela primeira vez por Lucien Febvre, na segunda metade do século XX.

<sup>14</sup> Observa-se no pensamento de Ritter e Humboldt uma visão global típica alemã, mas em final do século XIX, com o positivismo e o capitalismo já instalados, essa visão passa a ser rompida. “O ideário iluminista, gerado pela burguesia enquanto classe revolucionária, torna-se perigoso. É preciso detê-lo. Mas, por outro lado, a burguesia para manter a produção precisa de ciência gerando novos avanços. É então que surge o positivismo como principal manifestação ideológica da burguesia que acredita que o único método é o das ciências naturais. A absolutização deste método é inseparável de uma postura conservadora porque pressupõe que a realidade social é imutável, assim como o é a realidade natural e tão regular como o fato natural” (Pereira, 1999, p. 119). “As idéias geográficas de Humboldt e Ritter, formuladas principalmente na primeira metade do século XIX, vão ser operacionalizadas através do pensamento positivista que se manifesta claramente no trabalho de Friedrich Ratzel e dos geógrafos franceses, entre os quais se destaca a figura de Paul Vidal de la Blache” (Pereira, 1999, p. 120).



trabalhava na região todos os aspectos geográficos (físicos e humanos), Blanchard escreveu contemplando geografia física e humana e Cholley que, tendo sua especialidade em geografia física, escreveu obras fundamentais sobre geografia em geral, como o *Guide de l'Étudiant en Géographie* e *Observações sobre alguns pontos de vista geográficos*, entre outros.

Essa visão mais abrangente para os estudos regionais (acoplando os fatos naturais e humanos) na geografia francesa, ficou limitada, ao passo que na Alemanha, com influência kantiana, os caminhos foram indicados. Combinar tantas determinações, no entanto, não é fácil, conforme afirma Mamigonian (2000). Seria fundamental dominar e acoplar os dois enfoques da geografia inaugurada por Kant, o sistemático e o regional, ou seja, o teórico e o empírico. Na geografia francesa esse sistema analítico foi trabalhado por André Cholley, que realizou estudos combinando o empírico e o teórico, a exemplo de sua tese *Les Préalpes de Savoie* (Genevois Sauges) et *Leur Avant Pays: Étude de Géographie régionale*, tendo como orientador De Martonne.

O trabalho de Cholley sobre uma região montanhosa da França combinou diversos elementos, como a ocupação camponesa, a complexidade hidrológica, o clima, o relevo e a industrialização de base rural e em pequenas cidades. Assim, mesmo sendo um geomorfólogo, Cholley trabalhou brilhantemente os aspectos humanos, pois para ele o homem é o centro das atenções da geografia (Mamigonian, 2000).<sup>15</sup> Cholley, além de ser professor na Universidade de Sorbonne, foi diretor do Instituto de geografia, dirigente da Associação de Geógrafos Franceses, diretor dos *Annales de Géographie*, organizador livros didáticos, fundador a *Revista d'Information Géographique* etc.<sup>16</sup>

A partir principalmente do século XIX, é introduzida timidamente nas ciências, uma visão na qual a relação entre homem-natureza passa a ser uma relação sociedade-natureza, anexando "o sistema natural e a estrutura da sociedade; isto é, sua formação econômico-social, cujo eixo central são as relações de produção (de propriedade e de trabalho), pois as relações dos homens com a natureza são medidas pelas relações dos homens uns com os outros" (Mamigonian, 2000, p. 21). O marxismo surge e impulsiona as discussões científicas e políticas. Influencia a geografia, indiretamente, durante muito tempo, mas assume, na França, uma verdadeira união que perdura até os dias atuais.<sup>17</sup>

Todavia, vale refletir: foi o marxismo que influenciou a geografia ou foi a geografia que influenciou o marxismo? Quaini (1979) levanta esta questão! Marx e Engels surgem enquanto pensadores exatamente no período em que há uma forte influência do pensamento de Kant, Ritter, Humboldt e Hegel. Estes estão em evidência, ou seja, vigora o auge de suas produções intelectuais. Entende-se que estes influenciaram tanto o pensamento geográfico quanto o pensamento marxista. A geografia e o marxismo têm a mesma origem filosófica e científica clássica. Vale ressaltar que Hegel foi influenciado diretamente por Ritter. Marx possivelmente tenha acompanhado, em 1838, o curso que Ritter ministrava sobre geografia geral na universidade de Berlim. Quaini (1979) relata que A. Cornu tenta fazer esta ligação e expõe:

*"Renovando o estudo da geografia, que até então tinha tido um caráter substancialmente descritivo, K. Ritter, inspirando-se na filosofia de Schelling, considerava as diversas partes do mundo como organismos vivos,*

<sup>15</sup> Tais fundamentos são importantes para De Martonne, o que justifica a ambição de ser a geografia uma ciência síntese. Mas foi Cholley o discípulo que mais se debruçou sobre este prisma, justificando a necessidade de a geografia utilizar-se de elementos de outras ciências e técnicas. Portanto, segundo Pereira (1999) o que vai dar o caráter de ciência à geografia será a busca por estabelecer as relações de causa e efeito através da explicação, abandonando a simplicidade da descrição.

<sup>16</sup> Além da geografia alemã e francesa teve importante papel Harshorne (*The Nature of Geography* de 1939) que privilegiava a geografia regional, pela vertente americana, no desenvolvimento da corrente racionalista.

<sup>17</sup> Com o desmantelamento da União Soviética e do bloco socialista no Leste Europeu, muitos intelectuais marxistas abandonaram essa forma de análise, como Paul Claval (geografia cultural), E. Hobsbawm, D. Harvey, P. George e muitos outros. Entre os remanescentes encontramos Raymond Guglielmo e alguns outros poucos.



que determinavam a vida e a história de seus habitantes e julgava que os grandes acontecimentos históricos fossem condicionados essencialmente por seus fatores geográficos. Mesmo permanecendo profundamente idealista em sua concepção geral do mundo, e da história, em que a expressão da vontade divina, perfilavam-se, em sua doutrina, através da correlação por ele instituída entre a evolução humana e o ambiente natural, os delineamentos de uma concepção materialista do mundo; e é difícil pensar que seus cursos tiveram influência no processo que teria sido conduzido Marx do idealismo hegeliano ao materialismo histórico” (Cornu, 1962, p. 150 apud Quaini, 1979, p. 34).

Uma visão marxista de geografia deve levar em consideração as múltiplas determinações (Marx), combinando os aspectos físicos e sociais, numa visão de totalidade que não foge aos gregos, e que é destaque nas obras de Humboldt e Ritter, mas também é o eixo central dos estudos de Cholley. Segundo Mamigonian (1999, p. 168-9): “O objetivo da geografia, desde os seus inícios gregos até hoje, tem girado em torno de uma visão holística que abarque o natural e o social, mesmo que suas leis não sejam estritamente as mesmas e suas relações sejam mutáveis e de difícil apreensão”.

Neste sentido, observamos que, na atualidade, muitos geógrafos pós-modernos desconsideram a contribuição da geografia clássica, afirmando que “é preciso compreender as transformações no mundo atual, coisa que a geografia do século passado não conseguiu” (Claval, 1982, p. 09). Deixam de lado o processo evolutivo que passa a geografia e que consiste sempre novas tendências – crises, renovações e tendências. Esse processo deve ser acumulativo e não fragmentário.

O marxismo tem preocupação com a totalidade, unindo “ciência e história”. Por isso, pode desestruturar a dicotomia entre natureza-sociedade, através do materialismo histórico, pois que este considera ao mesmo tempo a relação do homem com a natureza e a relação do homem com ele mesmo. “O marxismo instaura uma nova relação entre o homem infinito e o mundo sensível que evita cair, quer no monismo materialista, quer no monismo espiritualista. Ele coloca-se num plano decididamente humanista e historicista, em que tanto a historicidade da natureza quanto à naturalidade da história são contempladas” (Pereira, 1999, p. 78).

A dicotomia é reflexo da evolução da divisão do trabalho. Quando as sociedades eram pré-capitalistas, a relação do homem com a natureza era mais intensa, mas à medida que vão se ampliando as formas de divisão do trabalho no capitalismo, o capital impõe o afastamento do homem na relação com a natureza. É na burguesia que observamos mais intensamente este afastamento.

Muitos desconsideram a importância da natureza quando afirmam que a partir do momento que a divisão do trabalho se complexifica, a natureza deixa de ter importância. Vale ressaltar, que as técnicas não superam totalmente a natureza e que ela não deixou de ser determinante em certas situações. Portanto, em pleno século XXI, o uso da técnica pelo homem ainda não conseguiu controlar alguns fenômenos naturais, como os terremotos, as erupções vulcânicas, as movimentações das massas de ar, das placas tectônicas etc.

Somos fruto das diversidades naturais que contribuem para a formação de nossa consciência. “Ao produzirem seus meios de existência, os homens produzem indiretamente sua própria vida material” (Marx & Engels, 1998, p. 10-11). Essa realização já é motivo de estudo geográfico, pois estamos transformando o meio natural (com a agricultura, a formação de cidades) em função de constantes aperfeiçoamentos dos modos de divisão do trabalho (DST, DIT, DTT).

A reprodução dos meios de existência é realizada a partir das condições naturais dadas e das técnicas que possibilitam ou não a sua transformação, determinando, portanto, os modos de



Assim, "o que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais da sua produção" (Marx & Engels, 1998, p. 11).

A contribuição marxista para o estudo geográfico deve levar em consideração as múltiplas determinações naturais, sociais, técnicas, políticas, culturais etc, numa combinação do todo concreto e localizado (Mamigonian, 2000). Um estudo deste nível (formação social), deve buscar as determinações mais importantes, como por exemplo, num estudo de localização industrial, na qual as determinações gerais podem ser os recursos naturais, a proximidade com mercado consumidor, o clima, o relevo, a colonização, os transportes, incentivos fiscais, questões políticas etc., mas sempre haverá uma hierarquia e a determinação principal poderá ser a proximidade dos recursos naturais e secundariamente as demais. Uma coisa é certa: todas devem se combinar, indiferentemente do grau de importância, para tornar o estudo mais completo, ou seja, mais totalizador e interdisciplinar.

A geografia marxista leva em consideração que a produção e a reprodução social estão diretamente ou indiretamente relacionadas à natureza. Portanto, a sociedade transforma a natureza e é transformada por ela, estando aí o verdadeiro objeto da geografia. Conforme Marx e Engels (1998, p. 44):

*"(...) como se aí houvesse duas 'coisas' separadas, como se o homem não se achasse sempre em face de uma natureza que é histórica e de uma história que é natural (...)".*

Quanto à geografia quantitativista<sup>18</sup> ou teórica, assim denominada por Ian Burton (1963) e marcada cronologicamente pela obra de Fred Schaefer em 1953 (*Exceptionalism in Geography: a methodological examination*), podemos afirmar que esse paradigma dá início ao surgimento e consolidação da Nova Geografia. Essa tendência privilegiou em excesso os modelos quantitativos que, tentando dar conta do todo geográfico a partir de modelos pré-estabelecidos, deixou de lado as especificidades e levou a geografia a um período de empobrecimento, esquecendo totalmente do tempo e suas qualidades essenciais.

Contra a dominação do modelo teórico no Brasil (incorporado pelo IBGE e pela geografia de Rio Claro/SP – UNESP)<sup>19</sup> e a estruturação administrativa da AGB (Associação dos Geógrafos Brasileiros), foram iniciados, em 1978, no Encontro Nacional dos Geógrafos, em Fortaleza, um exaltado debate público entre geógrafos e alunos de geografia. Um dos debates foi gerado pelo documento metodológico elaborado pelo Professor Carlos Augusto Figueiredo Monteiro e outro pela manifestação do Professor Armen Mamigonian, em defesa de mudanças na AGB, como a de contemplar a participação dos alunos de geografia na associação. Ambos lançaram uma série de críticas a geografia quantitativa no Brasil, dando espaço para o surgimento da geografia dialética, na busca dos clássicos do socialismo: Marx, Engels, Lenin, Althusser, Gramsci, Harvey etc. Portanto, "o marxismo, apesar de engatinhante, demonstra claramente que veio para ficar como está claro não só no Brasil, como nos Estados Unidos (*Geografic Radical/ Antipode*), França (*Hérodote*, etc.), na Itália, Espanha etc." (Mamigonian, 1999, p. 175).

Mas ao mesmo tempo em que se lança críticas ao modelo teórico deve tomar consciência de que as análises geográficas devem também fugir ao economicismo, como bem nos lembra Mamigonian (1996, p. 204): "*(...) devemos dar combate ao economicismo, a ideologia tanto do capitalismo monopolista (positivismo quantitativista em geografia), como da dominação stalinista, ambos interessados em escamotear o político, o social, em resumo as diferenças e as contradições*".

<sup>18</sup> Classificada com base filosófica neopositivista. As metas básicas da geografia quantitativista da escola de Chicago são: maior rigor na aplicação da metodologia científica, desenvolvimento de teorias, uso de técnicas estatísticas e matemáticas, abordagem sistêmica e uso de modelos.

<sup>19</sup> Tendência que é representativa até os dias atuais no curso de geografia da UNESP de Rio Claro/SP.



Portanto, as mudanças que vem passando a geografia neste período depressivo da econômica capitalista (1973/...), deve pautar-se nas idéias de totalidade encontradas nos paradigmas de formação sócio-espacial (Milton Santos)<sup>20</sup> e de geo-sistema (Sotchava etc.), como também amenizar a dicotomia existente entre geografia física e humana, geografia geral e regional.

Entende-se como melhor forma de aglutinar as categorias de formação sócio-espacial e geo-sistema a levar em consideração a proposta de André Cholley, ou seja, as combinações de combinações reúnem três elementos básicos a serem analisados, cada um com um grau de complexidade específico e, à medida que vão se integrando entre si e com os demais, vão tornando-se mais complexos. Os elementos básicos que compõem as combinações geográficas são as determinações físicas, as biológicas e as humanas. Portanto, a "as combinações de causas geográficas respondem, assim, a medidas bem determinadas, com relação ao espaço e ao tempo, e este duplo caráter que garante sua originalidade" (Cholley, 1964, p. 140).

As combinações "se realizam sempre por ocasião do exercício de cada uma das atividades necessárias à vida dos grupos humanos: atividade agrícola, de criação industrial etc... E é justamente, ao provocar essas convergências de elementos físicos, biológicos e humanos, que o grupo humano consegue resolver os duros e numerosos problemas que lhe são expostos pela vida" (Cholley, 1964, p. 141). Um exemplo é o sistema onde os fatores físicos e biológicos pesam muito mais do que os humanos, como o nomadismo indígena norte americano, que acompanha os rebanhos em seu deslocamento. Já a agricultura extensiva apresenta-se um pouco mais complexa, aumentando ainda o grau de complexidade quando chegamos à agricultura intensiva e à formação de cidades e assim por diante.

Ainda podemos considerar como uma importante categoria de análise a formação sócio-espacial regional,<sup>21</sup> articulada com a visão de combinações de Cholley, estudada principalmente pelo professor Armen Mamigonian, nos trabalhos sobre o Brasil e mais especificamente referentes à Santa Catarina,<sup>22</sup> São Paulo, etc., nas áreas de geografia humana, sobre geografia econômica.

A geografia possui diversos paradigmas, que em alguns casos se contrapõem, mas que em muitos, convivem e integram-se, sendo cada um responsável por uma parcela da visão totalizadora que marcou a geografia no passado e que deve, nesse momento, ser resgatado pelos estudos geográficos (através da geografia marxista). Aliado a isso, a geografia possui

<sup>20</sup> Ver a esse respeito: SANTOS, Milton. Espaço e sociedade. Vozes: Petrópolis, 1982; LEFEBVRE, Henri. O pensamento de Lênine. Lisboa: Moraes, 1969; MAMIGONIAN, Armen. A Geografia e a formação social como teoria e como método. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de (Org.). O mundo do cidadão, um cidadão do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 198-206 e VIEIRA, Maria Graciana Espellet de Deus. Formação social brasileira e geografia: reflexões sobre um debate interrompido. Dissertação de Mestrado, Florianópolis: CFH-UFSC, 1992.

<sup>21</sup> "Como cada região tem também uma parcela de seu desenvolvimento ligado às suas próprias forças, decorrente de uma trama complexa de elementos, a análise das especificidades de cada formação social ajuda a compreender melhor as determinações que operam sobre os processos responsáveis pela construção das especificidades regionais. Por isso, o método geográfico que tem por base a categoria de formação sócio-espacial, proposta por Milton Santos é o que permite a apreensão das especificidades enquanto fruto da combinação de processos distintos. E, ao introduzir a dimensão espacial mostra ser impossível pensar a sociedade sem referência ao espaço, e, acertadamente, o espaço como integrante da formação econômico-social, já que toda a formação é espacial e temporalmente determinada" (Pereira & Vieira, 1997, p. 454).

<sup>22</sup> Como se pode observar nas obras de PEREIRA, Raquel M. F. VIEIRA, Maria G. E. D. Formação sócio-espacial catarinenses. Anais do Congresso de História e Geografia de Santa Catarina. Florianópolis, 1997, p. 454-463; ESPÍNDOLA, Carlos J. As agroindústrias no Brasil: o caso Sadia. Chapecó: Grifos, 1999; BASTOS, José Messias. O comércio de múltiplas filiais em Florianópolis. Dissertação de Mestrado, Florianópolis: CFH-UFSC, 1997; VIEIRA, Sheila. Indústria de alta tecnologia: reflexões da reserva de mercado e do neoliberalismo em Florianópolis. Florianópolis, 1996; SILVA, Marcos Aurélio da. A indústria de equipamento elétrico do nordeste catarinense: um estudo de geografia industrial. Dissertação de Mestrado, São Paulo: FFLCH-USP, 1997; entre outros trabalhos de igual importância.



modo depressivo  
de encontrado  
(Sotchava et al.)  
na geografia pro  
ação sócio-espacia  
as combinações  
em com um grau  
com os demais  
determinações geográficas  
determinações de  
espacia e de  
de contar com  
a criação instaurada  
físicos, biológicos  
afirmar que de  
os fatores físicos  
na norte americana  
va apresenta-se  
sendo obrigatório  
e a formação  
sua principal  
especificações  
mensa, seleciona  
militar, mas  
deve de  
deve de  
deve de

unizar-se de diversas outras ciências, tanto físicas, biológicas como humanas, numa reunião interdisciplinar, que possibilita à geografia caminhar por vários campos científicos.

A união do marxismo à geografia agrupa as condições necessárias para explicar a sociedade atual,<sup>23</sup> levando em conta as *múltiplas determinações* (Marx) geográficas, numa combinação com as várias tendências da geografia como: geografia humanística (significações, valores, metas e propósitos), geografia radical (geografia crítica de relevância social – marxista e radical), entre outras tendências. Por isso a insistência em resgatar a visão de totalidade e interdisciplinaridade.

O que se entende aqui, é que a geografia é a ciência que estuda a realidade social, no contexto de uma acumulação histórica que envolve várias determinações numa relação dialética entre a especificidade e a totalidade. A sua principal meta é tentar aproximar-se ao máximo da realidade que envolve a sociedade-natureza. Devemos buscar, portanto, princípios fundamentais, como as categorias geográficas marxistas de formação sócio-espacial (Milton Santos) e combinações geográficas (Cholley),<sup>24</sup> geo-sistema (Sotchava) e a marxista de múltiplas determinações, entre outras contribuições.<sup>25</sup> Assim, essa proposta pode ser um caminho para a superação das dicotomias da geografia (física X humana, regional X geral).

### Referências Bibliográficas

HOLLEY, André. Observações sobre alguns pontos de vista geográficos. *Boletim Geográfico*. Rio de Janeiro: IBGE, n. 179, p. 139-145, 1964.

HOLLEY, André. Observações sobre alguns pontos de vista geográficos. *Boletim Geográfico*. Rio de Janeiro: IBGE, n.180, p. 267-276, 1964.

CHURCH, R. J. Harrison. A escola francesa de geografia. *Boletim Geográfico*. Rio de Janeiro: IBGE, n.158, p. 784-797, 1960.

CLAVAL, Paul. *A nova geografia*. Coimbra: Almeida, 1982.

MAMIGONIAN, Armen. *A escola francesa de geografia e o papel de A. Cholley*. relatório pós-doutoramento entregue a FAPESP. São Paulo: [s.n.], 2000.

MAMIGONIAN, Armen. *Gênese e objeto da geografia: passado e presente*. *Geosul*, Florianópolis: UFSC, n. 28, p. 167-170, 1999.

MAMIGONIAN, Armen. Tendências atuais da geografia. *Geosul*, Florianópolis, n. 28, p. 171-178, 1999.

MARTONNE, Emmanuel de. *Panorama da geografia*. Lisboa: Cosmos, 1953.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Trad. de Luis Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. *Da geografia que se ensina à gênese da geografia moderna*. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 1999.

<sup>23</sup> A geografia "(...) deve ter por objeto o estudo da sociedade, por intermédio do espaço. Em outras palavras, o espacial não deve ser a 'nossa' especialização, mas realizar uma geografia que seja ao mesmo tempo sociológica, histórica, econômica, Política, antropológica. Por certo que a tradição do estudo do espaço não deve ser abandonado, mas enquanto não partimos para uma visão global do social (e, portanto do espacial inclusive) correremos o risco da estagnação" (Mamigonian, 1996, p. 204).

<sup>24</sup> Armen Mamigonian (2000) afirma que mesmo não fazendo em seu trabalho referência clara a nenhuma categoria marxiana, ele teria sofrido influência da categoria de múltiplas determinações desenvolvida por Marx. Um argumento, nesse sentido, é a importância que Cholley dá ao espaço e ao tempo. Para ele a geografia opera sobre duas dimensões, a temporal e a espacial. Assim, o método histórico reúne os acontecimentos que se desenvolvem no passado, nos permitindo reconstruir as sucessões e as substituições de combinações que se realizaram num ponto determinado da terra. O método das ciências naturais (físicas e biológicas) vai interpretar ao vivo a combinação em movimento, em plena ação, no espaço que ocupa. Esta junção levará a uma melhor interpretação da realidade (Cholley, 1964).

<sup>25</sup> Pode-se articular ainda as contribuições de Aziz Ab' Saber, Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, João José Bigarella e Ignácio Rangel.

- PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral; VIEIRA, Maria G. E. D. Formação sócio-espaciais catarinenses. In: **CONGRESSO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE SANTA CATARINA**, 1997, Florianópolis. Anais... Florianópolis: [s.n.], p. 454-63, 1997.
- QUAINI, Massimo. **Marxismo e geografia**. Trad. de Lílíana Lagana Fernandes. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade: ensaios**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- TATHAM, George. A geografia no século XIX. **Boletim de Geografia**, Rio de Janeiro: IBGE, n. 157, p.551-578, 1960.

Resumo  
Consciência  
acordo  
algumas  
contemp

Palavra

Resumo  
Consciência  
acordo  
enlaces  
contemp

Palavra

INTRO

qualque  
possibi

tecnol  
televis

limita  
sobre

necess  
de pes

sociol  
exame  
breve

\* Tab  
em 300  
- Mes